

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Deuses negros e demônios brancos: “Nação do Islã” como movimento social nos Estados Unidos da América

RAFAEL FILTER SANTOS DA SILVA

PORTO ALEGRE, 2011

RAFAEL FILTER SANTOS DA SILVA

Deuses negros e demônios brancos: “Nação do Islã” como movimento social nos Estados Unidos da América

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto B. Guazzelli.

Porto Alegre, 2011

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha mãe, à minha avó e ao meu irmão por me aguentarem e me apoiarem em qualquer situação. Pessoas cujo amor incondicional me dá forças para trilhar o caminho do bem.

Aos meus amigos/irmãos adotivos que torcem por mim e cujas diferentes visões de mundo “abrem minha mente”, tornando-me mais humano.

Aos meus animais de estimação que com um simples olhar, ou abanão de rabo, conseguem revigorar meu espírito.

Ao professor César Guazzelli por aceitar orientar este trabalho.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| 1. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA ENTRE 1920 E 1940 | 12 |
| 1.1 OS NEGROS EM DETROIT E EM CHICAGO | 15 |
| 1.2 A TRAJETÓRIA DE WALLACE FARD E ELIJAH MUHAMMAD | 22 |
| 2. A DOCTRINA DA “NAÇÃO DO ISLÃ” | 26 |
| 3. ANÁLISE TEÓRICA | 34 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| FONTE PRIMÁRIA | 42 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 43 |
| ANEXO | 46 |

INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos da América, ou simplesmente os EUA, cristalizaram uma imagem idílica de um local dotado de um povo multicultural e defensor de valores augustos. O norte do Novo Mundo era visto como a oportunidade para recomeçar a vida, conseqüentemente, atraiu gigantesca quantidade de pessoas em busca do sucesso.

Imigrantes provindos de variados rincões rumavam para aquele país sonhando em vencer, em tornar-se parte de uma nação que prezasse pela igualdade de oportunidades e possibilitasse ascensão socioeconômica. Os Estados Unidos, graças aos ideais que encarnaram, eram considerados a terra onde o trabalho rende verdadeiros frutos.

O vasto território norte-americano era capaz de abrigar incontáveis pessoas ansiosas por seu lugar ao sol, mas era necessário competir com os demais. A extensão territorial incentivava a livre concorrência, concedia boas chances para quem estivesse insatisfeito com sua situação e fosse forte o suficiente de adentrar o interior. Os homens iam para lá esperando ganhar um espaço para trabalhar - e a grande maioria realmente logrou sua meta - com o intuito de galgarem seus objetivos por via do próprio esforço. Um espírito individualista guiava os áspers pioneiros à procura do mérito pessoal.

A autonomia do indivíduo, Turner¹ assevera, serviu de sustentáculo basilar à expansão da democracia, porquanto havia “... antipatia ao controle e particularmente a qualquer controle direto”² da vida. O oeste era distante do centro de decisão política. Os mecanismos de poder estatal não se faziam presente no interior, desse modo, inexisteriam condições para regular a vida das pessoas da forma devida. Isso as fazia crer serem aptas a governar seus próprios destinos, logo, se fosse para existir um governo, que esse ficasse sob influência dos indivíduos isonômicos habitantes dos Estados Unidos. A democracia seria, portanto, atributo inerente ao país em formação.

A liberdade e a igualdade fora içada a um alto patamar. Cabia a cada um aproveitar a chance como achasse melhor. À preguiça era creditado o fracasso, ao esforço, a glória. Contudo, os valores aventados com tanto orgulho por este Estado não se estendiam a todos os seres humanos existentes sobre seu solo pátrio.

Os índios e negros eram malquistos pelo resto da população. O primeiro era visto como um selvagem, nada mais que um ser inferior, cuja presença obstaculizava o povoamento

¹ TURNER, Frederick Jackson. “O significado da fronteira na história americana” IN: KNAUSS, Paulo (org.). **Oeste americano. Quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner**. Niterói: UFF, 2004.

² Ibidem pág. 48.

do oeste. Ao segundo era dado o estatuto de escravo, um objeto usado em prol do crescimento do dono branco. Essas máculas existentes no pensamento norte-americano, por mais cruéis que fossem, não podem ser consideradas um contrassenso, porque tais tendências pertenciam a lógica da época.

O negro sofreu por longos anos nas mãos dos senhores de escravos. No entanto, a abolição da escravidão não esmoreceu o suplício, pois foi substituída pelo racismo. Principalmente o sul, dependente da mão de obra escrava, resistiu às propostas abolicionistas. Por fim, a derrota na Guerra da Secessão obrigou a manumissão de todos os afro-americanos. A raiva, afirma Demant³, gerada pelo fim de um sistema econômico lucrativo esteado pelo trabalho compulsório confluiu contra a integração étnica, favorecendo a polarização racial.

A emancipação lançou o negro em uma situação ainda mais desfavorável que a anterior. Roubou a proteção trazida pelo rótulo de escravo, pois diante da cidadania ele abandonou a égide de seu proprietário, ficando sob a proteção de um Estado regido por numeráveis líderes pró-escravidão. Destarte

... os estados do sul legislaram a segregação na vida pública, segundo o modelo farisaico de “iguais mas separados”. Uma variedade de subterfúgios legais, associada à violência física pela maioria branca, os privou de quaisquer garantias constitucionais e os recolocou numa posição de inferioridade estrutural, justificada em termos racistas.⁴

Os novos estadunidenses ganharam uma cidadania “meramente declaratória”⁵. Calhou, continua o autor, um processo de desumanização, objetivando o tratamento diferenciado entre branco e negro. Conquanto tenha sido declarada a igualdade entre todos os homens, os afro-americanos, perante leis preconceituosas como as “leis de Jim Crow”, viviam tolhidos de vários direitos, inclusive direitos civis básicos como, por exemplo, a livre circulação no espaço urbano, devendo frequentar ambientes reservados a eles; e direitos políticos tais como o voto. Os ex-escravos e suas proles transformaram-se em cidadãos de segunda classe amedrontados por atos de violência física e psicológica.

Um dos grandes responsáveis pelas agressões racistas, apesar de não perseguir somente negros, era o famoso grupo denominado Ku Klux Klan (KKK), fundado por antigos adeptos dos ideais confederados no estado do Tennessee. Esse clã de brancos se autoprotclamava o protetor dos fracos e inocentes do sul. Segundo Carneiro⁶, se consideravam

³ DEMANT, Peter. “Minorias. Direitos para os excluídos.” IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2010.

⁴ Ibidem pág. 368-369.

⁵ Ibidem pág. 369.

⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Ku Klux Klan. A seita da supremacia branca.” IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime (org.). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004.

o baluarte do cavalheirismo, da humanidade, da misericórdia e do patriotismo, cujo objetivo era dar suporte ao plano divino de manter a pureza do branco anglo-saxão protestante violado pela abolição. Os membros dessa agremiação eram originários de todas as classes sociais. Coagiam, chegando ao ponto de matar os supostos inimigos da sociedade em assassinatos ritualísticos.

Malgrado existisse ramificações da KKK no norte dos Estados Unidos, essa região se distinguia do sul no que tange ao racismo. As leis nortistas não institucionalizavam a diferenciação entre os cidadãos pela cor da pele. Elas foram um dos fatores que estimularam a migração dos negros do sul para o norte.

Grande parcela da população negra sonhava com uma vida no norte. Imaginava locais repletos de oportunidades e de convívio amigável. Jornais de proprietários afro-descendentes nortistas acabavam por iludir os leitores do sul, porque retratavam a imagem de um norte próspero para todos os negros. Esses elementos ocasionaram fortes migrações para região austral. O fluxo de pessoas negras foi tamanho que esse deslocamento populacional ficou conhecido como a “Grande Migração”⁷, tendo início no limiar do século XX.

Cidades como Detroit, no estado de Michigan, e Chicago, em Illinois, foram destinos para os negros em busca de um recomeço. A saída do sul resultou num aumento populacional vertiginoso das comunidades afro-americanas dos centros urbanos do norte e provocou o crescimento dos índices de racismo nessas mesmas zonas.

A vida urbana era desconhecida para a maioria dos migrantes. As novidades exigiam uma adaptação difícil de ser obtida isoladamente então, surgiram diversas instituições, de cunho religioso ou laico, para acolher e orientar os recém-chegados.

Nas grandes cidades que receberam os negros, ocorreu o desenvolvimento de guetos, uma forma de segregação informal nos EUA. Os migrantes se estabeleciam nas periferias sofrendo a marginalização social. A degradação da vida e a desilusão proporcionada pela situação enfraqueciam a autoestima dos indivíduos culminando com a desvalorização de sua própria cultura.

Frente a estas condições, os Estados Unidos viram organizarem-se agrupamentos de negros almejando a revitalização da cultura afro-americana. Esses grupos se formaram para lutar pelos direitos dos afro-americanos como cidadãos, ou até pela libertação da nação negra

⁷ Alguns autores dividem esse processo histórico em “Primeira Grande Migração” (1910-30) e “Segunda Grande Migração” (1940-70); outros autores como Grossman, autor utilizado por mim, não fazem essa divisão.

e formação de um Estado separado. Um exemplo desses movimentos é a “Nação do Islã”⁸, surgida no ano de 1930 em Detroit.

A “Nação do Islã” possuía, e ainda possui até hoje, uma base religiosa muçulmana, mas mesclada com os ensinamentos de seu fundador, Wallace D. Fard, compilados em um livro religioso escrito por Elijah Muhammad. A obra de Elijah se apega a ideia de “raça”⁹, termo bastante em voga no começo do século XX, elaborando uma tipologia de acordo com a cor da pele. À raça negra é associada uma antropogênese divina, ao passo que à raça de tez branca é conferida uma origem demoníaca.

Embora seja classificada como religião por seus seguidores, a preocupação em demasia com o estatuto social dos negros leva alguns autores a considerar a “Nação do Islã” um movimento social, sendo seu caráter religioso algo secundário, de pouca relevância. Na realidade, Yuliani-Sato¹⁰ sustenta a ideia de que o objetivo seria a construção de uma identidade cultural e racial com o intuito de fortalecer a autoestima negra e promover a união entre a população afro-descendente para enfrentar os desafios existentes.

A autora estabelece um cotejamento entre a seita criada por Fard e o Islamismo ortodoxo. Debate a associação do Muçulmanismo negro norte-americano com movimentos sociais, contudo sem se valer de estudos teóricos específicos sobre movimentos sociais, ou de conceitos sociológicos aplicados ao assunto. Ela usa para esse debate, somente informações coletadas mediante a observação das práticas feitas nas mesquitas. Sua concentração repousa sobre a comparação das duas correntes islâmicas.

Um estudo sociológico sobre os negros islamitas nos Estados Unidos é feito por C. Eric Lincoln a partir da análise da estrutura social do país. Em seu livro, “*The Black muslims in America*”¹¹, ele se debruça sobre certos movimentos sociais, um dos quais é a “Nação do Islã”, que usam as palavras de Maomé como uma forma de encorajar a identidade negra. Ele sustenta a ideia de que esses grupos de afro-descendentes defendem um movimento de nacionalismo negro, se opondo à comunidade branca.

⁸ O nome original é “*Nation of Islam*”.

⁹ Raça é um conceito que envolve a distinção. Uma raça é um grupo com características físicas e biológicas distintas das de outro, em outras palavras, é uma separação de acordo com fenótipos. Atualmente, o conceito de raça é usado com certa restrição para se referir aos seres humanos. O termo “etnia” é utilizado em maior escala hoje. “Etnia”, certas vezes, é empregado como sinônimo de “raça”, porém alguns pensadores, como Hobsbawm, diferenciam os dois conceitos. A ideia de etnia pode levar em consideração traços físicos, no entanto, ela está mais atrelada aos traços culturais, isto é, cada agrupamento étnico se percebe como pertencente a determinada cultura. Fazer parte de uma etnia demanda aceitar uma identidade respaldada em uma construção simbólica, não é simplesmente nascer dentro de uma comunidade e herdar caracteres biológicos.

¹⁰ YULIANI-SATO, Dwi Hesti. *A comparative study of the Nation of Islam and the Islam*. Bowling Green: BGSU, 2007. Dissertação de mestrado em artes, Bowling Green State University, Bowling Green, Ohio, 2007.

¹¹ LINCOLN, Eric. *The black muslims in America*. Boston: Beacon Press, 1961.

Há um jornalista estadunidense que examinou factualmente a história de Elijah Muhammad, de seu nascimento em 1897 até seu falecimento em 1975. O produto da apreciação feita por Karl Evanzz¹² foi um livro biográfico. Às vezes, assume um caráter sensacionalista, em especial quando se trata dos problemas pessoais de Elijah com mulheres e dos conflitos tidos com seus críticos, mas a cronologia exposta é útil para localização temporal e espacial do tema.

Esse trabalho faz uma análise sobre essa religião negra e como ela lança mão de um pensamento religioso para embasar um movimento social em prol de direitos se valendo da arma de seu antagonista, o racismo. Portanto, visa a discorrer acerca dessa seita religiosa dentro do contexto de seu surgimento, utilizando de pensadores sociológicos dos movimentos sociais.

Angela Alonso¹³ afirma que a expressão “movimentos sociais” tornou-se usual somente nos anos de 1960. Apesar de ter sido empregada por autores da segunda metade do século XIX, a acepção atual foi cunhada na década de 60 para divergir da ideia de movimento operário e revolução. Segundo a autora, a expressão refere-se às manifestações coordenadas que ocorrem fora das instituições políticas, desvinculadas de classes sociais e feitas de forma pacífica, que não ambicionam à tomada do poder do Estado, somente reivindicam transformações. Antes do século XX, diversos teóricos já haviam abordado as ações coletivas seguindo linhas de raciocínio diferentes.

Alguns estudiosos conservadores das relações humanas do século XIX enxergavam com maus olhos qualquer mobilização popular voltada à reclamação. Taine, Tarde, Le Bon, entre outros, agregavam-lhe um caráter hediondo, encarando-a como distúrbios populares baseados em instintos primitivos presentes no inconsciente do homem.

Os estudos com vieses esquerdistas elaborados nesta época acerca de conjuntos de seres humanos dinâmicos envolvidos em embates por modificações estruturais eram catalogados, de acordo com Alonso¹⁴, como teorias das revoluções. Eles tratavam as ações perpetradas por grupos tal qual um ato de oposição ao sistema político-econômico vigente. Os agentes sociais envolvidos nas revoluções ansiavam por mudanças drásticas e repentinas no modo de organização da sociedade. O pensamento marxista exemplifica esses casos.

Entre os anos 30 e 60, surgiu a “tese da desmobilização política”. Autores como Adorno e Riesman criam que “o individualismo exacerbado da sociedade moderna teria

¹²EVANZZ, Karl. *The messenger: the rise and fall of Elijah Muhammad*. Westminster: Pantheon books, 1999.

¹³ ALONSO, Angela. “As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate” IN: **Lua nova**, São Paulo: n. 76, 2009.

¹⁴ Op. Cit.

produzido personalidades narcísicas voltadas para a autossatisfação e de costas para a política.”¹⁵ No máximo, manifestações irromperiam apenas como reações a alguma frustração individual ocasionada pelos aspectos estruturais e conjunturais, visto que as pessoas estariam acomodadas em seus estilos de vida.

Os protestos de 68 colocaram à prova a tese da desmobilização. Correntes teóricas novas germinaram: a Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), a Teoria do Processo Político (TPP) e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS). A primeira tendência, Alonso¹⁶ comenta, apreciava a mobilização como algo organizado racionalmente para atingir um sentido pré-determinado. Um cálculo racional individual levaria à organização de um grupo de protesto, ou seja, o indivíduo só se aliaria aos demais manifestantes caso percebesse um possível lucro futuro proveniente dessa aliança. A TMR fazia uma análise conjuntural micro, sem vínculos com a macroestrutura e teve como expoentes McCarthy e Zald.

A TPP e a TNMS se opõem às doutrinas economicistas e combinam política e cultura em suas elucubrações. A Teoria do Processo Político refletia sobre a mobilização em si. O alicerce dessa corrente são as ideias de Tilly, esmiuçadas por Alonso¹⁷ em seu texto. Nela, pessoas insatisfeitas se organizam quando existem estruturas de oportunidades políticas favoráveis à ação grupal. O ator coletivo, deste modo, não é pré-existente, ele se forma no momento em que aparecem os primeiros descontentamentos e são evidenciados contrastes políticos e sociais. A solidariedade, compreendida como a combinação entre o pertencimento e a intimidade dos membros, é fundamentada pelos contrastes. A solidariedade une os agentes sociais, mas são os mecanismos de incentivo ou de constrangimento que definirão as possibilidades de ação. Essa linha epistemológica pensa o movimento social como um “... conflito entre partes, uma delas momentaneamente ocupando o Estado, enquanto a outra fala em nome da sociedade. Essas posições são variáveis, os atores migram entre elas.”¹⁸

J. Habermas, A. Melucci e A. Touraine são representantes das Teorias dos Novos Movimentos Sociais. Alonso¹⁹ lembra que essa corrente não é uma escola coesa, porém existem similaridades entre os autores, pois criticam o marxismo ortodoxo, acentuam aspectos simbólicos e cognitivos, associam mudanças com contendas sociais e aplicam metodologias macro-históricas em suas pesquisas. Os movimentos sociais, seguindo a linha destes pensadores, têm em seu cerne motivos que vão além do econômico.

¹⁵ Ibidem. Pág. 50.

¹⁶ Op.Cit.

¹⁷ Op. Cit.

¹⁸ Ibidem. Pág. 56.

¹⁹ Op. Cit.

Como pilar central para este estudo eu uso os ensinamentos de Alain Touraine, um pensador dedicado à sociologia urbana principalmente, que concede demasiada atenção às ações coletivas de sujeitos sociais protagonistas de eventos de protesto contra suas horríveis condições de vida.

Esse autor, Alexander²⁰ expõe, é um crítico do materialismo e da tendência reducionista do modelo clássico de abordagem dos movimentos sociais. Ele detém uma abordagem um tanto historicista sobre as mudanças sociais e é etiquetado como um intelectual das novas teorias dos movimentos sociais.

Touraine segue uma tendência acionalista, isto é, para ele a “ação é uma resposta a um estímulo social”²¹, desse modo, os conflitos associados às mudanças sociais estão atrelados aos fatores conjunturais que rodeiam os sujeitos históricos. O autor agregou muita relevância às pesquisas sobre os movimentos sociais (agentes essenciais dentro dos conflitos), pois, consoante Gohn²², acreditava que a vida social é uma constante batalha entre grupos divergentes pelo controle social dos mecanismos capazes de alterar a sociedade em que se vive.

Por conseguinte, a doutrina da “Nação do Islã” exposta no livro de Elijah Muhammad “*Message to the blackman in America*” e as práticas litúrgicas descritas em outras bibliografias serão analisadas dentro de um viés histórico e sociológico. A demarcação temporal necessária para a percepção de parte da conjuntura e da estrutura socioeconômica importante para o estudo é o período entre 1920-1940 que expõe parte do quadro histórico anterior e ulterior à fundação da religião dos muçulmanos negros estadunidenses.

²⁰ ALEXANDER, Jeffrey C.. “Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil: Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais.” IN: **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo: v. 13, n. 37, junho de 1998.

²¹ GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

²²Op. Cit. Pág. 93.

1. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA ENTRE 1920 E 1940

Os anos 20, Purdy²³ salienta, são marcados por um retorno ao conservadorismo político. A Primeira Guerra Mundial trouxera benefícios econômicos surpreendentes aos Estados Unidos. Índices de inflação e desemprego caíram; produção industrial aumentou, assim como a renda *per capita*. O país se cristalizava como potência econômica de influência global e desenvolvia um jeito singular de ver a vida, o “*american way of life*”. Esse estilo norte-americano erigia-se sobre a ideia de consumo. Diferente do período progressista anterior, onde os movimentos de reivindicações trabalhistas marcaram forte presença política, os anos 20 são caracterizados por um retorno do poder político-econômico às mãos dos empresários conservadores, pelo abandono das reformas sociais, pela marginalização dos movimentos populares e pelas novas restrições contra os trabalhadores, as mulheres, os negros e os imigrantes.

Inovações tecnológicas relacionadas às indústrias de bens de consumo facilitaram o processo de produção, tornando-o mais rápido e menos dispendioso, o que possibilitou o barateamento dos produtos. Ocorreu a popularização de diversos itens como carros e eletrodomésticos, ou seja, as camadas pouco endinheiradas passaram a ter acesso a produtos anteriormente exclusivos aos ricos.

A sociedade de consumo começou a germinar mudando a mentalidade do povo. Purdy ressalta que as empresas de propaganda disseminaram uma nova conceituação da palavra “liberdade”. Atrelou-se à liberdade a ideia de consumo, relegando qualquer significado político desse termo. “A busca por autonomia econômica e soberania política foi substituída, nas mentes de muitas pessoas, pelas possibilidades de consumo como o elemento essencial de felicidade e cidadania”²⁴. A perseguição do sucesso individual foi difundida com vigor pela ideologia veiculada pelos empresários na mídia.

Enquanto a população se maravilhava com o aumento do poder de compras, os grandes industriários recrudesceram seus laços com o poder político. O país, durante a década de 1920, foi governado por presidentes republicanos a favor do livre mercado e da mínima intervenção estatal na economia. O posicionamento do governo executivo e a forte influência do empresariado na política nacional deram brecha para que a classe patronal se sobrepujasse aos sindicatos.

²³ KARNAL, Leandro; et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

²⁴ *Ibidem*. Pág. 198.

Medidas contra o poder sindical foram homologadas pelo governo. O medo do socialismo e do sindicalismo fez os empresários adotarem programas para desbaratar o movimento dos trabalhadores por via da coerção psicológica, da demissão e da agressão física. O número de operários sindicalizados reduziu-se como consequência de tais ações, enfraquecendo o poder de reivindicação dos empregados. Ademais, as leis trabalhistas sofreram retrocesso, porquanto a “liberdade de contrato” foi restabelecida.

A pouca regulação do mercado permitiu a certas práticas capitalistas abusivas se expandirem. Consoante Mazzucchelli²⁵, a expansão do crédito sem medidas permitiu à especulação econômica atingir níveis gritantes, tornando instável o equilíbrio entre o capital virtual e o capital físico existente nos bancos. Políticas de redução nos impostos de grandes grupos de negócios foram implementadas ambicionando incrementar o grau de produtividade.

Proliferaram-se bancos de pequeno e médio porte sem a supervisão do Estado, sendo que a relação direta entre os bancos comerciais, os bancos de investimentos e as corporações cresceu com força. Alguns bancos comerciais arriscavam investir com capital depositado por seus clientes, criando riscos para sua própria existência.

A fusão de empresas aumentou a concentração de renda. Renda concentrada é considerada por Alan Brinkley²⁶ como um dos elementos que impulsionaram a crise de 1929, pois impedia o consumo de fluir. Outros fatores por ele destacados são a diversidade diminuta da economia, o que causava dependência econômica de poucos tipos de indústria; e o excesso de empréstimos feitos pelos bancos, responsável pela falência deles quando os devedores quebraram, dando início a “uma reação em cadeia de falências econômicas”²⁷.

A crise econômica de 1929, deflagrada a partir da quebra da bolsa de valores dos Estados Unidos, afetou o mundo. Os EUA consolidaram-se como potência durante a Primeira Grande Guerra e seu papel na economia mundial adquirira alta importância. Problemas econômicos estadunidenses influenciavam o capitalismo mundial já bastante intrincado.

Ao longo da crise, os Estados Unidos viram inúmeros bancos declararem bancarrota, a produção industrial e as vendas no comércio caírem, assim como o PIB desabar. A agricultura sofreu também, muitos proprietários perderam suas terras, gerando o êxodo rural e a expansão do latifúndio. O poder aquisitivo declinou graças à inflação produzida pela redução de dinheiro em circulação. O desemprego acometeu milhares de empregados demitidos de

²⁵ MAZZUCHELLI, Frederico. “A crise em perspectiva: 1929 e 2008.” IN: **Novos estudos**. CEBRAP, n. 82, novembro de 2008

²⁶ BRINKLEY apud KARNAL, Leandro; et al. Op. Cit. Pág. 206.

²⁷ Ibidem. Pág. 206.

empresas impelidas a diminuir tanto o índice de sua produção, quanto o preço de seus produtos.

Proliferaram-se bairros miseráveis pelas cidades. Homens brancos passaram a disputar empregos em cargos ruins antes ocupados por negros e mulheres. Imigrantes foram forçados a repatriação e a saírem do país para que abrisse mais espaço no mercado de trabalho para os cidadãos brancos empobrecidos.

A Grande Depressão induziu a uma mudança de postura da política estadunidense. O Estado passou a intervir na economia, reduzindo a autonomia dos empresários. Os anos 30 assistiram uma expansão dos serviços públicos e da assistência social. O governo, afirma Purdy²⁸, adotou uma face progressista novamente.

Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos de 1932 até 1945, adotou uma postura intervencionista, lançando os dois planos denominados “*New Deal*” na tentativa de estabilizar a economia. Novos órgãos foram concebidos para colaborar com as medidas adotadas pelo governo.

O primeiro “*New Deal*”, lançado entre 1933-34, objetivava recuperar a indústria e a agricultura, regular o sistema financeiro e ampliar o atendimento da assistência social assim como o número de obras públicas. A *National Recovery Administration* foi criada para intermediar acordos entre empresários, empregados e governo com a meta de instaurar meios que apaziguassem a relação trabalhista e impedissem a exacerbação da “liberdade de contrato” através de limites impostos acerca dos preços, salários, contratação e competição.

O segundo plano posto em vigor em 1935 veio como resposta ao desempenho medíocre das novas instituições e a piora da economia. A insatisfação do povo fortalecia a esquerda política, então coube a Roosevelt sancionar o segundo “*New Deal*”. Medidas como o reforço da assistência social emergencial, a cobrança de impostos sobre fortunas privadas, implantação de um novo sistema de relação empregatícia que incentivava a sindicalização, além de outras tantas estratégias foram instituídas para convalescer a figura do presidente e de seu partido.

Além disso, políticas foram adotadas para aprimorar a qualidade de vida do povo, no entanto, mesmo com a construção de casas públicas, a garantia de salários mínimos e a delimitação das jornadas de trabalho o “*New Deal*”

Não recuperou a economia (a Segunda Guerra Mundial o fez) nem redistribuiu renda, mas trouxe em alguma medida segurança econômica para muita gente, transformando as relações entre cidadãos e o Estado por meio da garantia de uma

²⁸ Op. Cit.

mínima qualidade de vida e proteção social contra adversidade²⁹

Em outras palavras, a década de 30 acaba sem os Estados Unidos terem se recuperado por completo dos problemas econômicos pelos quais passavam, mas se encaminhando para um momento histórico que lhes trouxe efusiva expansão de seu poder político e econômico.

1.1 OS NEGROS EM DETROIT E EM CHICAGO

Essas duas cidades em pleno desenvolvimento, Detroit e Chicago, recebiam um afluxo enorme de negros desde o início do século XX. Eles estavam abandonando o sul racista com a esperança de refazerem suas vidas em um suposto norte acolhedor e próspero.

O processo migratório de negros sulistas em direção ao norte designado de “Grande Migração” fortaleceu-se ao longo da Primeira Grande Guerra. Durante o período subsequente, o fluxo de pessoas não se aplacou. A guerra induziu ao aumento da produtividade e do número de empregos, contudo havia falta de operários devido ao recrutamento para o combate, desse modo, abriu-se espaço no mercado de trabalho para o negro no norte. Ele era um substituto temporário dos homens que estavam guerreando.

A migração de afro-descendentes em direção ao norte dos Estados Unidos, não livrou os negros do racismo, pelo contrário, ela espalhou o racismo. De acordo com Martin³⁰, o aumento populacional das cidades industriais nortistas causava uma maior disputa dentro do mercado de trabalho, logo, os brancos e até mesmo alguns negros não viam com bons olhos os migrantes. A tentativa de escapar do racismo formal, embasado nas leis “Jim Crow”, do sul rural fez o negro se deparar com o racismo informal do norte urbanizado.

Terminada a guerra, os brancos reouveram seus empregos e o negro voltou a ser o trabalhador de segunda classe, preterido no momento da contratação. O sistema econômico de Detroit e Chicago, voltado para a indústria, resguardava para os migrantes, mormente, os cargos não especializados. Eles eram incumbidos de executar trabalhos braçais pesados, deveras prejudiciais à saúde e pouco remunerados. De outra maneira, só eram contratados por causa de fatores especiais como “... o surto de progresso na década de vinte, e, ao mesmo tempo, o declínio da imigração; a falta de profundo preconceito racial de parte dos operários brancos, a princípio; a utilização de negros pelos empregadores, para impedir a sindicalização

²⁹ Ibidem. Pág. 210.

³⁰ MARTIN, Elizabeth Anne. “*Detroit and the Great Migration 1916-1929.*” IN: **Bentley Historical Library – Bulletin Series.** Michigan: Bulletin n. 40, 1993.

ou para “furar” greves.”³¹

As mulheres negras, nas palavras de Martin³², eram as últimas a serem contratadas e as primeiras a serem demitidas. Repudiadas pelo mercado de trabalho, elas tinham escolhas restritas. Ou se tornavam faxineiras, ou se prostituíam. Outro tipo de emprego era praticamente impossível.

Portanto, percebemos que a posição social dos negros pouco se modificou. Eles saíram de um sistema econômico rural, onde arrendavam terras e eram praticamente escravizados por dívidas, e chegavam a cidades desconhecidas, nas quais eram obrigados a laborarem em trabalhos menosprezados pelos brancos e a morarem em cortiços insalubres localizados nos bairros pobres das cidades.

Quem ousava migrar se deparava com um lugar totalmente estranho, por conseguinte, apoio e proteção eram imprescindíveis para poder se defrontar com o inesperado. Por isso, era importante que a cidade aonde o negro fosse tivesse uma comunidade negra apta a recebê-lo. As pessoas precisavam ser acolhidas em lugares que pudessem se identificar. Rose³³ afirma que a necessidade da solidariedade alheia se fazia relevante, porque não havia uma classe de ex-senhores de escravos que o protegesse, embora o explorasse, tal qual existia no sul.

Uma numerosa quantidade de negros vivia em Detroit e Chicago. Algumas zonas marginalizadas aglutinavam uma boa parcela dessa população. A divisão de bairros conforme etnias era normal, as pessoas acabavam por escolher viver entre aqueles mais semelhantes, ao menos fisicamente, se agrupando em uma zona escolhida. Clark analisa bairros compostos majoritariamente por negros e, por fim, os descreve como guetos americanos, ou seja, uma “*restriction of persons to a special area and the limiting of their freedom of choice on the basis of skin color*”³⁴. O autor caracteriza o gueto como detentor de duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva, capazes de impulsionar comportamentos transgressores.

*The objective dimensions of the American urban ghettos are overcrowded and deteriorated housing, high infant mortality, crime, and disease. The subjective dimensions are resentment, hostility, despair, apathy, self-depreciation, and its ironic companion, compensatory grandiose behavior*³⁵

Essa zona não era um ambiente apazível, não correspondia ao sonho de quem largara tudo no

³¹ ROSE, Arnold. **Negro: o dilema americano**. São Paulo: IBRASA, 1968. Pág 150.

³² Op.Cit.

³³ Op. Cit.

³⁴ CLARK, Kenneth B. **Dark Ghetto. Dilemmas of social power**. New york: Harper Torchbooks, 1967. Pág. 11. Tradução: “restrição de pessoas a uma área especial e a limitação de suas liberdades de escolha de acordo com a cor da pele”.

³⁵ Op. Cit. Pág. 11. Tradução: “As dimensões objetivas do gueto urbano americano são: moradia superpopulosa e deteriorada; alta mortalidade infantil, crime e doença. As dimensões subjetivas são: ressentimento, hostilidade, desespero, apatia, autodepreciação e, sua irônica companhia, a mania de grandeza compensatória”.

sul com a esperança de melhorar seu padrão de vida.

Embora não houvesse alguma lei de caráter racial em vigor nas duas cidades entre 1920 e 1940, a segregação informal existia e era responsável pela constituição de bairros pobres habitados por afro-americanos. O crescimento populacional motivado pela “Grande Migração” acarretou no incremento da reserva de mão de obra, tornando o mercado de trabalho mais competitivo. Com o passar do tempo, o branco pobre ou recém-empobrecido tinha de disputar emprego com o negro. O branco não aceitava de bom grado ter de se igualar a um ser que ele pensava ser inferior. O uso do negro como reserva de mão de obra pelos patrões gerou insatisfação e um tipo de racismo, chamado de “Racismo da queda ou da exclusão social” por Wiewiorka³⁶. Esse racismo ocorre ao longo de períodos de mutação social. Aquele que perdeu, ou está perdendo seu *status* pratica atos racistas contra aqueles que estão ocupando seu lugar de certa forma.

O racismo levou a separação entre as pessoas de cor diferente no norte. O centro das cidades se converteu no espaço do branco e o gueto no espaço do negro. O próprio mercado imobiliário, Martin³⁷ escreve, alimentava a segregação, pois espalhava a ideia de que o negro “poluía” a paisagem, desvalorizando os imóveis ao redor, assim ninguém se dispunha a locar sua propriedade. Cabia ao negro, por corolário, viver nos bairros mais afastados.

Apesar de longínquos e paupérrimos, o aluguel nos bairros negros era exorbitante. Os proprietários costumavam cobrar quantias maiores dos afro-americanos que de outras etnias. O preço pago não condizia com os cortiços alugados. Famílias amontoavam-se em minúsculas habitações. As casas, ou os apartamentos, eram seccionados o quanto fosse possível para que o proprietário pudesse lucrar mais alugando cada seção de seu imóvel. Além disso, albergues e hotéis apresentavam, também, uma aparência desoladora. Martin descreve um albergue masculino localizado em Detroit com as seguintes palavras:

Many single male migrants with little money and nowhere else to go took up residence in what the Board of Health termed “Dormitory Hotels” for workers. One Board of Health investigator described such a hotel as follow: “A two story brick structure once a bakery. On the second floor, fifty beds. Beds very dirty, using dark gray blankets as spreads. Men pay twenty-five cents a night for sleeping. Beds not changed often. Toilets stopped up, bath in deplorable condition. In one corner of the dormitory about thirty-five to forty dirty mattresses piled up, seemingly from fire. The floors very dirty, walls bad. Men sleeping in their street clothes. On the first floor a restaurant without a license selling soup and fish. Water in the back, flies very bad, no sink, foul air and poor ventilation” [...] Electricity and running water were modern conveniences that few migrants enjoyed [...] Toilets were not necessarily a luxury, however, landlords often installed toilets because they had been pressured to install them by health officials or because they wanted an excuse

³⁶ WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

³⁷ Op. Cit.

*to raise rents.*³⁸

Submetidos a um ambiente ultrajante, os afro-descendentes de classe baixa sofriam sendo desumanizada pelos demais cidadãos. Recebiam maus tratos tanto de brancos, quanto de outros negros. Nativos das cidades culpavam os recém-chegados de provocarem os problemas socioeconômicos que cresciam progressivamente. Negros da classe média ou alta sentiam-se envergonhados de suas feições, de pertencerem a um subgrupo dentro da sociedade assaz problemático.

Aqueles que, segundo Clark³⁹, de alguma forma obtivessem dinheiro almejavam transpor as “*invisibles walls*”⁴⁰ do gueto e entrar na sociedade branca. O bairro negro podia ser isolado fisicamente da comunidade branca, mas não escapava da influência do conteúdo propagado pela mídia extramuros. “*The mass media [...] invade the ghetto in continuous and inevitable communication, largely one-way, and project the values and aspirations, the manners and the style of the larger white-dominated society.*”⁴¹ A difusão da cultura branca nos bairros negros fortalecia a autoimagem negativa que o afro-americano tinha. Os negros se viam como vítimas de si mesmos e, por consequência, nutriam a vontade de se branquear, ao menos culturalmente.

Não obstante o gueto perpetuar patologias sociais, ele servia de escudo muitas vezes. O autor⁴² fala que a separação entre as duas raças concebia uma defesa psicológica para o negro. Viver entre outros afro-americanos evitava os olhares rudes dos brancos. Caminhar entre homens, cujas características físicas são semelhantes é menos angustiante que circular entre um bando de pessoas, cuja própria cor de pele é diferente. Embora visada, a

³⁸ Op. Cit. Capítulo Housing, oitavo e nono parágrafos. Tradução: “Muitos homens solteiros migrantes com pouco dinheiro e nenhum outro lugar para ir hospedaram-se no que a Junta de Saúde denominou “Hotéis Dormitório” para trabalhadores. Um investigador da Junta de Saúde descreveu um desses hotéis da seguinte forma: “Uma estrutura de dois andares feita de tijolos, outrora uma padaria. No segundo andar, cinquenta camas. Camas muito sujas, usando cobertores cinzas-escuros como colchas. Homem paga vinte e cinco centavos por noite para dormir. Roupas de cama não são trocadas frequentemente. Vasos sanitários entupidos, banheiro em condições deploráveis. Em um canto do dormitório, cerca de trinta e cinco a quarenta colchões sujos empilhados, aparentemente queimados. O piso muito sujo, paredes ruins. Homens dormindo com suas roupas de andar na rua. No primeiro andar, um restaurante sem licença vendendo sopa e peixe. Água nos fundos, moscas muito ruins, sem pia, ar fétido e ventilação escassa”. [...] Eletricidade e água corrente eram conveniências modernas de que poucos migrantes desfrutavam. [...] Vasos sanitários não eram necessariamente um luxo, entretanto, os proprietários instalavam vasos sanitários com frequência porque eles haviam sido pressionados a instalá-los pelos oficiais da saúde, ou porque eles queriam uma desculpa para aumentar o aluguel.”

³⁹ Op. Cit.

⁴⁰ Ibidem. Pág. 11. Tradução: “Muros invisíveis”.

⁴¹ Ibidem. Pág. 12. Tradução: “A mídia [...] invade o gueto via contínua e inevitável comunicação, majoritariamente de mão-única, e projeta os valores e aspirações, as maneiras e o estilo da sociedade branca dominante”.

⁴² Op. Cit.

internalização da cultura branca era um processo árduo.

A falta de perspectiva de grande parte dos cidadãos de tez escura refletia no comportamento político. Os negros mostravam uma postura fleumática em relação à política porque não viam suas exigências serem cumpridas. A ausência de preocupação dos políticos com a vida dessa paradoxal numerosa minoria gerava uma apatia política. Poucas políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida dos guetos eram instituídas. Somado a isso, havia a desunião entre os afro-descendentes. Consoante Clark⁴³, negro votava raramente em negro, porquanto carregava o estigma de que o branco é superior. A despreocupação dos políticos adicionada à falta de autoestima dos afro-descendentes atravancava a consolidação de uma força política negra.

Com o tempo, organizações de cunho sociopolítico criadas por afro-americanos começaram a surgir. A maioria delas teve o seu advento a partir de instituições religiosas que buscaram acolher e apoiar os migrantes. A chegada de negros sulistas em Detroit e Chicago causou o surgimento de organismos religiosos e seculares encarregados de ajudar os recém-chegados. Logo, a migração colaborou com a segregação em guetos, porém, auxiliou na formação de alguns grupos voltados para a valorização do negro, pois “*recognizing the power that could be derived from this growing community, black leaders began to develop independent black institutions for racial uplift.*”⁴⁴ A “Grande Migração”, Grossman⁴⁵ alega, estabeleceu as fundações do ativismo negro por meio da concepção dos primeiros tipos de associações direcionadas à solidariedade racial.

Tanto em Detroit, quanto em Chicago, surgiram ligas urbanas de ajuda ao afro-americano, assim como igrejas passaram a se dedicar à igual propósito. Brancos participavam desses grupos de apoio. As principais ambições desses grupos eram arranjar emprego e moradia descente; e assistência à saúde. Fora isso, as igrejas buscavam oferecer suporte espiritual, enquanto as ligas empreendiam ações para mediar a relação entre os trabalhadores e seus chefes, já que muitos sindicatos repudiavam o negro por ele ser utilizado como uma arma contra greves.

O repúdio não se resignava aos sindicatos somente. A Ku Klux Klan se reformulou nos anos de 1920. Carneiro⁴⁶ afirma que a reestruturação estabeleceu uma hierarquia semelhante à organização maçônica. Abriam-se lojas e redes de comunicação para se

⁴³ Op. Cit.

⁴⁴ MANNING, Christopher. “*African Americans*” IN: **The Electronic Encyclopedia of Chicago**. Parágrafo 8. Tradução: “reconhecendo o poder que poderia derivar desta comunidade em crescimento, líderes negros começaram a desenvolver instituições independentes negras voltadas para a exaltação racial”.

⁴⁵ GROSSMAN, James. “*Great Migration*” IN: **The Electronic Encyclopedia of Chicago**.

⁴⁶ Op. Cit.

difundir a mensagem da seita. O contexto favoreceu a expansão, pois o nacionalismo se fortaleceu em resposta ao comunismo. A depressão econômica do final da década favoreceu o preconceito, porque muitos brancos afetados pela crise acusaram os negros, ou os imigrantes, de a causarem. Membros da KKK foram eleitos para cargos eletivos e júris municipais por via dos votos desses homens insatisfeitos com o que ocorria.

Nessa época, dentro dos limites de Chicago, a seita tinha o maior número de associados, cerca de 50.000 sócios segundo Jackson⁴⁷. Em Detroit, a KKK se fazia presente tendo vários seguidores dentro da força policial da cidade, o que, de certo modo, facilitava escamotear suas ações.

A Crise de 1929 trouxe outro problema ao negro. A retração econômica provocava a redução dos recursos humanos das fábricas. O afro-descendente era o primeiro a ser despedido. Ademais, vagas anteriormente ocupadas por negros passaram a ser preenchidas por brancos desempregados. Até mesmo as empregadas domésticas sofreram o impacto, pois a classe média diminuiu o consumo de seus serviços.

O número de negros dependentes da assistência social cresceu. Os empecilhos impostos pelos brancos no interior do mercado de trabalho converteram o assistencialismo ou a criminalidade nos únicos meios de subsistência.

O período abrangido pela década de trinta viu serem fundadas várias clínicas de controle de natalidade. A meta era abaixar a taxa de natalidade das camadas mais pobres da sociedade. A penúria estava ligada principalmente ao negro, portanto, ele era apontado como o alvo central das políticas de eugenia negativa. As clínicas possuíam o suporte de autoridades sanitárias públicas. O Estado apoiava programas educacionais e cirúrgicos com essa motivação, pois isso reduziria seus gastos com assistência social e o grau de pobreza do país.

Os Estados Unidos promoveram políticas públicas eugênicas sem levar em conta a opinião do povo. Parte da população as considerava uma interferência na liberdade individual tendo em vista que restringia a quantidade de filhos de um casal e, em alguns locais, impedia o casamento inter-racial. Os

*... eugenicists did not seek the approbation of the masses whose defective germ plasm they sought to wipe away. Instead, they relied upon the powerful, the wealthy and the influential to make their war against the weak a conflict fought not in public, but in the administrative and bureaucratic foxholes of America.*⁴⁸

⁴⁷ JACKSON, Kenneth T.; “*Ku Klux Klan*” IN: **The Electronic Encyclopedia of Chicago**.

⁴⁸ BLACK, Edwin. *War against the weak: eugenics and America's campaign to create a master race*. New York: Four Walls Eight Windows, 2003. Pág. 87. Tradução: “eugenistas não procuravam a aprovação das massas, cujo germe defeituoso eles visavam exterminar. Em vez disso, eles confiavam nos poderosos, nos ricos e

A eugenia não foi uma prática democraticamente estabelecida.

O Racismo Científico estava em voga no início do século XX e, nos Estados Unidos, as teorias raciais e eugênicas eram focos de debate dentro das universidades. Algumas faculdades ofertavam instruções relativas aos métodos corretos a serem aplicados para o controle da reprodução humana, ou até executavam o processo de esterilização. De acordo com Silva⁴⁹, as publicações referentes a esses temas assumiam o caráter de manuais de planejamento social.

Os cientistas recebiam patrocínio de grandes corporações e esse investimento possibilitou expandir a influência de tais ideias, fazendo com que gradualmente os políticos estaduais promulgassem legislações eugênicas. Entre 1920 e 1940, Black⁵⁰ afirma que vinte nove estados aprovaram leis pró-esterilização, Michigan fora um deles. Um projeto de lei a favor da esterilização foi feito em Illinois, no entanto não foi aprovado.

Perante a perseguição racista e os problemas políticos, sociais e econômicos, começaram a surgir movimentos em prol dos afro-descendentes conduzidos por lideranças negras no período em destaque. Entre eles estava o “Templo do Islã de Alá”, futura “Nação do Islã”, fundada em julho de 1930 por Wallace D. Fard, também conhecido por Wallace D. Muhammad, na cidade de Detroit, cujo pupilo principal foi Elijah Muhammad.

Essa religião nasceu com uma proposta de apoio aos semelhantes. Fora os cultos religiosos, várias atividades eram desenvolvidas nos bairros onde havia mesquitas. Negócios entre negros nos mais distintos ramos da economia eram incentivados; escolas foram abertas; programas para combate à drogadição, para recuperação social e para ensinar uma postura ética aos jovens foram ofertados; ajuda médica era proporcionada a quem precisasse; coleta de doações para os necessitados; etc. eram alguns exemplos das atividades desenvolvidas. Os cultos e as festas estimulavam a solidariedade entre as pessoas. A “Nação do Islã” fornecia mais que amparo espiritual, ela instigava o desenvolvimento socioeconômico do negro e uma revisão de seu papel social. Além de doutrinar os fiéis dentro dos valores por ela cultivados, “a Nação do Islã” era um centro de assistência social para negros.

nos influentes para fazerem sua guerra contra o fraco um conflito lutado, não em público, mas nas entranhas administrativas e burocráticas da América”.

⁴⁹ SILVA, Mozart Linhares da. “Ciência, raça e racismo: caminhos da eugenia.” IN: SILVA, Mozart Linhares da (org.). **Ciência, raça e racismo na modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

⁵⁰ Op.Cit.

1.2 A TRAJETÓRIA DE WALLACE FARD E ELIJAH MUHAMMAD

Elijah Robert Poole, especula-se, nasceu em 7 de outubro de 1897 em Sandersville, Georgia. Registros de escravos e seus descendentes diretos não eram mantidos arquivados para poder se comprovar a data de nascimento deste homem. Ele era o sexto filho de William Poole, um pastor de igreja e arrendatário de terras; e de Mariah Hall, uma dona de casa.

Passou sua infância no sul junto de seus doze irmãos. Ajudavam seus pais a cultivar a terra arrendada, dedicando-se pouco à escola. Na região algodoeira dos EUA, os latifundiários utilizavam um sistema econômico denominado “*sharecropping*”, que consistia em arrendar terras mediante o pagamento de uma espécie de aluguel. O arrendatário devia ceder ao arrendante parte de sua produção, ou quitar sua dívida com dinheiro. Os preços cobrados eram vultosos, e qualquer imprevisto levava a inadimplência. O endividamento tornava o arrendatário em um cativo econômico, situação complicada de reverter.

Em 1919, Elijah se casa com Clara Belle Evans na cidade de Cordele, onde vivia nesta época. Lá trabalhou em uma serraria, logrando o posto de supervisor durante a Primeira Grande Guerra. Entretanto, dois motivos o levaram a se mudar para Macon, ainda no estado da Georgia. Primeiro, ocorreu o assassinato de seu amigo Albert por culpa de querelas raciais. Segundo, após o término da guerra, seus colegas negros perderam seus empregos, e os brancos não aceitavam sua supervisão.

Depois de dois anos, Clara deu a luz ao seu primogênito, Emmanuel Poole (Emmanuel Muhammad^{*}). No total, o casal teve oito filhos: Wallace D. Muhammad (Warith Deen Muhammad^{**}), que abandonou a “Nação do Islã” e se converteu ao Maometismo ortodoxo), Jabir Hebert M. (empresário do boxeador Muhammad Ali), Akbar M., Nathaniel Musaaleh M., Frances Le Poole (Ethel M.) e Lottie M. Elijah teve outras esposas e filhos, inclusive bastardos.

Influenciados pelo tablóide “*Chicago defender*”, cujos donos eram afro-descendentes, e pelas cartas enviadas pelo pai de Elijah, os dois juntam dinheiro suficiente para bancar a viagem só de ida para o norte dos Estados Unidos. Eles se estabeleceram em Detroit, Michigan, onde havia um polo automobilístico florescendo.

No norte, o primeiro emprego foi numa indústria de produção de porcas e parafusos. Em seguida, trocou para uma produtora de arames e latão. O trabalho era desgastante demais, a habitação era, além de degradante, cara, o lugar não era conivente com o paraíso estampado

* Nome recebido após a conversão à “Nação do Islã”.

** Nome recebido após a conversão ao Islamismo ortodoxo.

nos jornais vendidos no sul.

Evanzz⁵¹ escreve que Elijah buscou auxílio em várias organizações de solidariedade racial. A situação problemática teria o lançado no alcoolismo e ele queria ajuda para enfrentar aquele momento caótico de sua vida. O grupo comandado por Marcus Garvey, conhecido como “Associação Universal para o Progresso Negro” foi uma delas. Outra foi o “Templo Mouro da Ciência da América” fiel às palavras de Noble Drew Ali.

Apenas no fatídico ano de 1931, Fard e seu maior aprendiz se conheceram. Clara soube sobre um vendedor que dizia trazer a salvação e resolveu ir vê-lo. O sermão valorizando o afro-descendente a impressionou e, daí, ela decidiu apresentá-lo a Elijah.

A história de Wallace D. Fard é repleta de mistérios. Crê-se que ele tenha nascido em Meca, Arábia Saudita, no ano de 1877. Entretanto, inexistente qualquer documento confiável sobre esta pessoa, sendo que opiniões duvidosas acerca de sua existência não podem ser descartadas. Sua aparência é uma incógnita, Evanzz⁵² o descreve com características caucasianas ou indianas. O periódico oficial⁵³ da “Nação do Islã” afirma que ele é um árabe típico. Investigações feitas pelo FBI discordam do exposto acima.

O *Federal Bureau of Investigation* comandou inquirições a respeito do líder dos muçulmanos negros. O departamento temia a conversão do povo a uma ideologia subversiva. Os membros da nação eram instruídos a não se alistarem nas forças armadas e seguiam credos anormais para a sociedade estadunidense do período entreguerras. A perseguição a Fard levou a informações inconclusas.

Primeiramente, a polícia indiciou um cidadão de origem havaiana chamado Wallace Dodd Ford de ser o fundador da seita e o corruptor de homens. Ele já possuía uma extensa ficha criminal. Depois, um homônimo, mas nascido em Bolton, na Inglaterra, foi acusado da mesma maneira. Outros indivíduos foram arrolados como possíveis suspeitos, todavia não se chegou a uma resposta efetiva no que tange à verdadeira identidade de Wallace D. Fard.

O “*The Final Call*”⁵⁴ alarma que quaisquer fotos contidas na ficha criminal do FBI são falsas. Retratos e documentos de Wallace, se existem, estão sob posse de membros da “Nação do Islã”.

Fard se dizia um negro apesar de não ter traços negroides. Ele assumira caracteres brancos almejando se infiltrar entre os inimigos para obter acesso aos planos dessa raça

⁵¹ Op. Cit.

⁵² Op. Cit.

⁵³ MUHAMMAD, Wesley. “*Master W. Fard Muhammad and FBI COINTELPRO*” IN: **The Final Call**. Jan. 2010.

⁵⁴ MUHAMMAD, Wesley. Op. Cit.

demoníaca. Sua missão era auxiliar os afro-americanos, seus parentes distantes há muito tempo perdidos e confusos. Ele viera para esclarecê-los, para conduzi-los de volta a sua religião original, o Islamismo.

Por isso, ele dirigiu-se para Detroit e fundou o “Templo do Islã de Alá” em 1930. Elijah aderiu ao templo pouco depois de conhecê-lo em 1931. Logo se dedicou ao proselitismo, recebendo autorização para pregar no bairro onde morava, *Paradise Valley*. No ano subsequente, ele foi investido no posto de supremo ministro e rebatizado como Elijah Karriem, pois cabia aos negros abandonarem seus nomes de escravos para se libertarem por completo dos grilhões escravagistas. Rapidamente começou a dirigir alguns cultos.

Um mal se abateu sobre a seita no mesmo período. Alguns fiéis assassinaram pessoas não-crentes em uma espécie de ritual de sacrifício. Pensavam que se aproximariam de Alá através dessa prática. A polícia abriu inquérito contra Fard, iniciando sua perseguição. O líder do culto foi responsabilizado pelos atos de seus seguidores, conquanto tenha arguido não ter a ver com o fato, ou com práticas daquela espécie, afirma Evanzz⁵⁵.

Wallace foi internado em um hospital psiquiátrico, diagnosticado como detentor de um comportamento instável. Enquanto esteve em tratamento, destacamentos policiais passaram a espionar o “Templo do Islã de Alá”. A fama dos islâmicos negros fora denegrida.

Para ser libertado, Fard teve de prometer sair de Detroit. Após deixar o hospício, em 1933, ele mudou o nome de sua seita para “Nação do Islã”. Elijah foi renomeado Elijah Muhammad, e ambos continuaram espalhando seu ideário na cidade, descumprindo a promessa. Fard foi preso novamente e expulso de Detroit. Ele permaneceu desaparecido por meses, ressurgindo em Chicago, Illinois, onde fundou uma nova mesquita. Motivado pelo assédio policial, Elijah resolveu ir para Chicago se juntar a seu mestre.

Em 1934, Wallace D. Fard desapareceu e nunca mais foi avistado. Supunha-se, nos corredores dos templos, que ele voltara para Meca, dando continuidade ao seu destino divino. Esse fato criou um mal-estar entre os crentes, porque o cargo de líder esvaziara-se, e não havia mais um benfeitor a obedecer. Com efeito, o desaparecimento do fundador foi o estopim para disputas internas.

Elijah assumiu o posto máximo, alegando ter sido o escolhido pelo próprio Fard. Ele se declarou o profeta encarregado de levar a diante o trabalho do *Mahdi*. Muitos fiéis discordaram dele, desconfiando de que ele simplesmente havia tomado o papel para si injustamente. Conseqüentemente, formaram-se grupos dissidentes, como, por exemplo, a

⁵⁵ Op. Cit.

“Sociedade para o Desenvolvimento de Nós Próprios”.

Os protestos não surtiram êxito, Elijah Muhammad se firmou como líder dos maometanos afro-americanos, conduzindo a religião até 1975 quando faleceu e o ministro Louis Farrakhan galgou o posto de representante máximo do grupo. A “Nação do Islã” exerce suas atividades até hoje. Ela ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos e atualmente possui milhares de fiéis, sendo que personalidades bastante famosas, como Malcolm X e Cassius Clay/Muhammad Ali, fazem, ou já fizeram parte da seita.

2. A DOCTRINA DA “NAÇÃO DO ISLÃ”

A base doutrinal da “Nação do Islã” revela sua capacidade de atuar como movimento social em prol da valorização do negro e como religião. Sua preocupação, na verdade, se enfoca nas questões raciais que permeiam o ambiente onde ela surge, servindo como pano de fundo para sua ideologia um Islamismo heterodoxo.

Aos ensinamentos de Maomé foram misturados novos elementos para formular o sustentáculo basilar desta seita. O porquê da escolha dessa crença para formar o embasamento do movimento destaca a refrega racial que o perpassa.

O Maometismo era considerado uma religião negra, porquanto a maioria dos africanos era pertencente a ele, desse modo, os afro-americanos seriam naturalmente islâmicos. O Cristianismo, pelo contrário, era visto como um culto branco responsável pelo sofrimento dos negros. A igreja cristã teria os iludido, conspurcando-os ao convertê-los. Além disso, ela jamais se opôs à escravidão, tendo inclusive apoiado a exploração do trabalho compulsório.

Fard mesclou suas ideias ao Islã, pois o via como um instrumento para estimular a autoestima negra. Durante a Idade Média, os islamitas enfrentaram a cristandade, portanto, o Islã serviria como um instrumento sociocultural para criar uma oposição e ajudar a separar o negro do branco. Ele contribuiria para erigir uma nova identidade afro-americana apartada da cultura de seus opressores.

Yuliani-Sato⁵⁶ alardeia que havia mais diferenças do que semelhanças entre a “Nação do Islã” e o Muçulmanismo ortodoxo. A seita estadunidense preservava alguns pilares essenciais, contudo grande parcela de seus ideias não coincidia com as palavras do Corão. Fard modelou sua mensagem conforme seus interesses. Por culpa disso, muitos grupos islâmicos a tratam como um estranho, não a vendo como uma ramificação do Islamismo tradicional. A autora ressalta que a “Nação do Islã” institucionalmente se aproximava mais das igrejas *soul* dos Estados Unidos.

As igrejas negras no norte serviam como centros assistencialistas, onde o migrante podia procurar auxílio. As mesquitas cumpriam igual papel, “... *a mosque functions as a medium, a place to come, a place of community activities and services, and a place to learn,*

⁵⁶ Op. Cit.

rather than simply a place to pray”⁵⁷. Elas ofertavam mais que aconselhamentos ontológicos e metafísicos.

Lincoln⁵⁸ enumera razões socioeconômicas pelas quais os afro-descendentes passavam a frequentar os templos. A “Nação do Islã” era um grupo de solidariedade que despertava a consciência de raça. Reconhecer-se como membro de tal irmandade fortalecia o indivíduo e o fazia arrostar o racismo.

As mesquitas não excluíaam pessoas em estado de recuperação social. Elas coordenavam programas para recuperação de jovens e adultos, assim como para prevenção contra situações de risco. Havia o foco em manifestações externas de solidariedade, onde os fiéis saíaam às ruas objetivando a ajudar ao próximo. O “*Savior’s Day*”, dia do aniversário de Fard, era comemorado com quermesses, comícios públicos e atos altruístas nos arrabaldes dos templos. Mais importante que assistir aos cultos, orar ou jejuar, era praticar atos solidários concretos dentro da comunidade. Não havia a mesma rigidez em relação à liturgia como existe no Islamismo ortodoxo. Comemorava-se o Ramadã; rezava-se em grupo e individualmente; lia-se o Corão; peregrinava-se a Meca; mas essas atividades não eram obrigações dogmáticas, faziam-nas quem quisesse ou tivesse oportunidade.

A “Nação do Islã” tentava redefinir o papel do homem e da mulher negro dentro da sociedade. Na família, o marido se responsabilizava por liderar, proteger e sustentar a casa, enquanto a mulher cuidava dos afazeres domésticos e educava os filhos, mantendo um comportamento exemplar. Preparava-os para se defrontarem com os problemas externos à comunidade com dignidade.

Nos anos 30, era muito mais seguro para uma criança afro-americana ir a um colégio frequentado por afro-descendentes somente, portanto, um último item listado por Lincoln era a existência de escolas financiadas pelo movimento conhecidas como “Universidade do Islã”. Eram escolas, cujas turmas dividiam-se por sexo, correspondentes ao ensino fundamental e médio que enfatizavam o negro. O ensino proposto pela educação pública era alienante segundo a ótica dos maometanos, daí a ideia de fornecer centros de aprendizagem diferenciados. Algumas disciplinas lecionadas seguiam o currículo padrão das escolas estadunidenses – língua inglesa, matemática, etc. -, outras transmitiam os ideais esotéricos de Fard (astronomia, história negra, etc.). A parcela do conteúdo particular às “Universidade do Islã” procurava instigar o autoconhecimento e desenvolver uma consciência libertária.

⁵⁷ Ibidem. Pág. 19. Tradução: “uma mesquita funciona como um meio, um lugar para vir, um lugar para atividades e serviços comunitários; e um lugar para aprender, em vez de simplesmente um lugar para rezar.”

⁵⁸ Op. Cit.

Além da preocupação com a educação, a “Nação do Islã” dava atenção à segurança de seu séquito. Havia um regimento responsável por julgar os crimes e zelar pelo bem-estar das pessoas. A “Fruta do Islã” policiava os membros e punia quem transgredisse as regras impostas. Infringiam o código de conduta da seita aqueles que: abusassem de álcool ou qualquer outro tipo de droga; fizessem mal-uso do dinheiro do grupo; começassem porco; dormissem durante um culto; etc. As punições variavam consoante o grau do delito, os mais leves resultavam em trabalhos comunitários; os medianos, em excomunhões por mais de cinco anos e os mais pesados, em expulsões definitivas.

Um terceiro órgão importante dentro da “Nação do Islã” era seu jornal, denominado “*The Final Call*”. Utilizavam-no para falar acerca da situação dos negros nas mediações. Porém, era usado para aspectos prosélicos também, espalhando a visão de mundo da seita com a ambição de recrutar mais adeptos.

O cumprimento do objetivo principal de Fard requeria a conversão do maior número possível de afro-descendentes, ou, pelo menos, o apoio deles. A classe social e a origem não interessavam, o quesito relevante era o tom da pele. Wallace queria trazer, em primeiro plano, o desenvolvimento material aos negros. O aperfeiçoamento moral que viria depois dependia do elemento antecessor. Apenas depois desses dois fatores a meta fundamental, ou seja, a unificação dos negros poderia ocorrer. Fard, enfim, lideraria o povo escolhido em direção à salvação, fazendo-o retornar ao caminho do qual havia se desviado.

Elijah Muhammad, autoproclamado profeta, compilou os ensinamentos de seu mestre, Wallace D. Fard, em um livro intitulado “*Message to the blackman in America*”⁵⁹. A doutrina promovida pela “Nação do Islã” é pormenorizada ao longo dessa obra. O texto explana que aos homens de tez escura fora reservado um pedestal sacro. Fard aparece como uma manifestação do próprio Alá (o *Mahdi* de acordo com Elijah⁶⁰), capaz de despertar a centelha divina adormecida no interior de cada afro-descendente. Em um suposto diálogo entre mestre e aluno, ocorre a revelação da verdadeira identidade de Fard:

I asked him, “Who are you, and what is your real name?” He Said, “I am the one that the world has been expecting for the past 2000 years.” I said to him again, “What is your name?” He said, “My name is Mahdi; I am God, I came to guide you into the right path that you may be successful and see the hereafter.”⁶¹

⁵⁹ MUHAMMAD, Elijah. *Message to the blackman in America*. Versão digital, 1965.

⁶⁰ Op. Cit.

⁶¹ Ibidem. Cap. 8, parágrafo 10. Tradução: “Eu perguntei a ele: “Quem é você, e qual é seu verdadeiro nome?”. Ele Disse: “Eu sou aquele que o mundo esteve esperando pelos últimos 2000 anos.” Eu disse a ele novamente: “Qual é o seu nome?”. Ele disse: “Meu nome é *Mahdi*; eu sou Deus, eu vim guiá-lo pelo caminho certo, onde você pode ser bem-sucedido e ver além.”

Deus, na concepção da “Nação do Islã”, não podia ser algo misterioso e transcendental, por isso, ele se personificou na figura de Fard para orientar seus filhos. Alá, o deus negro, é imanente, apto a tomar a forma de um homem, o ser mais inteligente do universo. Ele havia ficado distante por seis mil anos, mas retornara para iluminar a senda de seus descendentes. O aluno direto da divindade encarnada dizia aos seus companheiros que “... *god has come in your midst to resurrect you and put in your place of authority.*”⁶²

Os negros atuais descendem de uma nação negra asiática conhecida como “Tribo de Shabazz”, autogerada nos tempos primordiais. Essa tribo surgiu junto com a terra há cerca de sessenta e seis trilhões de anos. O ser humano original, por conseguinte, era negro, dotado de grande conhecimento e encarregado de governar o mundo. Por sua vez, o branco surgiu há apenas seis milênios, fruto de manipulações genéticas feitas por Yacub, um cientista demoníaco.

Yacub era um dos primevos homens da tribo, dono de astúcia e poder avantajados. Suas experiências deram origem a todas as etnias. A cada tentativa de modificar os genes negroides, ele conseguia clarear um pouco a pele humana até, finalmente, chegar ao homem branco, cujos primeiros espécimes foram Adão e Eva. A raça adâmica era constituída por pessoas devassas e dissimuladas, não respeitava a Alá e aos demais. O convívio difícil provocou a expulsão do paraíso localizado em Meca. O cientista louco e suas criaturas foram degredados para a Ásia do Oeste (Europa) e lá viveram como selvagens por muitos anos. Entretanto, eles foram capazes de se desenvolver e dominar os negros durante o interregno em que Alá havia desaparecido.

Os afro-descendentes, ao contrário de seus algozes brancos, não se dedicavam à guerra, logo, foram facilmente subjugados. Eles foram escravizados por seus inimigos e sua prole foi constantemente enganada até se esquecer de seu caráter sagrado. Os rebentos negros foram educados dentro dos padrões brancos, ensinados a cultuarem um deus diferente do maometano.

A religião foi corrompida conforme Elijah⁶³. Os dizeres de seus profetas, por exemplo, Moisés – enviado por Alá com a missão, a qual não obteve sucesso, de civilizar os brancos –, Jesus e Maomé, foram alterados com o intuito de ludibriar os afro-descendentes e fazê-los abandonarem o Islamismo, a verdadeira palavra sagrada. Os mensageiros de deus que

⁶² Ibidem. Cap. 24, parágrafo 5. Tradução: “deus veio, em seu meio, para ressuscitá-los e pô-los em seu lugar de autoridade”.

⁶³ Op.Cit.

apareceram ao longo da história humana seriam todos muçulmanos em realidade, porém, suas figuras foram apropriadas por falsas religiões.

O Cristianismo imputado aos negros os maculou. Destituiu-os de sua cultura, destruindo sua autoestima. “...*Christianity was a religion organized and backed by the devils for the purpose of making slaves of black mankind*”⁶⁴. Então, seria cabível abrir mão do estilo de vida do branco, abandonar sua religião e seu sobrenome para alcançar a paz. A libertação total só viria por via do conhecimento de si mesmo, quando o negro valorizasse sua cultura.

O afro-descendente precisava ter a coragem de se separar daqueles que o prejudicaram. A integração não trazia benefícios, Elijah admoestava:

*You see the trouble that our people and the Americans whites are suffering from the struggle of our people with a few whites on their side to bring about integration between the two races, of which is opposed by God, Himself. It is time that the two people should separate.*⁶⁵

Na ideia do autor, a separação seria algo normal. Cada uma das raças provém de uma determinada origem, são tipos diferentes e divergentes, por corolário, não existe verdadeiro amor entre as duas. O autor resumia a função da “Nação do Islã” dizendo que “*IT IS FAR MORE IMPORTANT TO TEACH SEPARATION OF THE BLACKS AND WHITES IN AMERICA THAN PRAYER. Teach and train the blacks to do something for self...*”⁶⁶

O branco estadunidense fez uso de braços negros para proclamar sua independência em relação à Inglaterra, porém não compartilhou seus ganhos. O negro permaneceu dependente e sem acesso a mecanismos que lhe propusessem formas de garantir seu sustento por si mesmo. Os benefícios da independência, pela visão dos homens leais a Fard, reservaram-se a uma única camada da sociedade que continuou a explorar os afro-americanos tanto no norte, quanto no sul.

A união negra seria o remédio contra a precária condição de vida nos Estados Unidos. “*I am not trying to get you to fight. That is not even necessary; our unity will win the battle! [...] Not one gun would we need to fire. [...] We unite to ourselves as a nation of people.*”⁶⁷

⁶⁴ Ibidem. Cap. 8, parágrafo 15. Tradução: “Cristianismo foi uma religião organizada e sustentada pelos demônios com o propósito de tornar escrava a humanidade negra.”

⁶⁵ Ibidem. Cap. 16, parágrafo 14. Tradução: “Você vê o problema que o nosso povo e os brancos americanos estão sofrendo, devido ao conflito de nosso povo com alguns brancos no lado deles para trazer integração entre as duas raças que são opostas por Deus, Ele mesmo. É o momento em que os dois povos deveriam se separar.”

⁶⁶ Ibidem. Cap. 87, parágrafo 13. Tradução: “É MUITO MAIS IMPORTANTE ENSINAR A SEPARAÇÃO ENTRE OS NEGROS E OS BRANCOS NA AMÉRICA QUE REZAR. Ensinar e treinar os negros para fazerem algo por si...”

⁶⁷ Ibidem. Cap. 21, parágrafo 3 e 4. Tradução: “Eu não estou tentando fazê-lo lutar. Isso não é nem mesmo necessário; nossa unidade vencerá a batalha! [...] Nenhuma arma nós precisaríamos disparar. [...] Nós nos unimos como uma nação de pessoas.”

Visto que a paz é elementar ao Muçulmanismo, recomendava-se não combater à situação lançando mão da violência, mas montando uma comunidade racial forte dentro do país.

A verdadeira igualdade só poderia ser conseguida se o negro a perseguisse. Ele não deveria pedir ao branco que lhe concedesse permissão para fazer algo, pois não era inferior, ou subserviente, aos ex-senhores de escravos. A raça negra era divina, desse modo, a consecução dos direitos tolhidos se realizaria pelo próprio mérito através da força da união. A solidariedade geraria prosperidade econômica, elevando a qualidade de vida do negro e, assim, tornando-o uma força política de pressão pacífica. O poder público poderia ajudar; não a criação demoníaca de Yacub.

Segundo Elijah⁶⁸, os homens brancos jamais agradeceriam os negros por seu bel-prazer. Eles os odiavam, e planejavam destruir a população afro-descendente por meio das leis de controle da natalidade. O autor avisava seus semelhantes: *“I say beware of being trapped into the kind of disgraceful birth control laws now aimed almost exclusively at poor, helpless black peoples who have no one to rely on. [...] Using birth control for a social purpose is a sin.”*⁶⁹

Modificações no âmbito social, político e econômico dependiam da dedicação da comunidade à causa. Os islamitas afro-americanos queriam três coisas do poder público principalmente: liberdade, justiça e igualdade de oportunidades. O primeiro item era basicamente a liberdade de circular livremente pelas ruas sem sofrer preconceito; de professar a religião selecionada e de escolher integrar-se, ou não, à sociedade estadunidense. Um pedaço do território deveria ser cedido pelo governo dos Estados Unidos da América àqueles que optassem por não se integrar. Nesta terra se construiria uma nação autônoma. Durante os vinte cinco anos iniciais, o governo estadunidense deveria fornecer provisões aos negros independentes. Após esse quarto de século, a nova nação estaria pronta para a independência total.

Os dois elementos seguintes estavam vinculados à negraria que desejasse quedar nos Estados Unidos. Os afro-descendentes reclamavam da iniquidade da aplicação da lei. Os homens de credos ou cores diferentes dos das pessoas brancas eram julgados de forma explicitamente parcial. Ademais, teria de ter fim a maneira truculenta como a polícia os abordava.

⁶⁸ Op. Cit.

⁶⁹ Ibidem. Cap. 35, parágrafo 5 e 7. Tradução: “Eu digo para ficar atento para não ser pego pelas desgraçadas leis de controle de natalidade agora apontadas quase exclusivamente para os pobres, os negros incapazes que não têm em quem confiar. [...] Usar o controle de natalidade para propósitos sociais é um pecado.”

A igualdade de oportunidades significava igual participação dentro da sociedade. O acesso às melhores chances e bens deveria ser oportunizado para essa parte da população. Eles reivindicavam o termo de quaisquer privilégios, toda a sociedade precisaria ser tratada da mesma forma.

Demais mudanças poderiam ser galgadas por meio do aprimoramento das relações entre os próprios negros. Elijah⁷⁰ aconselhava a comunidade negra a investir em si mesma. Membros de todos os estratos sociais precisariam se ajudar mutuamente. Os empresários deveriam empregar negros. Comerciantes eram instigados a baratear seus produtos quando vendessem para a comunidade. Negros deveriam gastar seu dinheiro com sabedoria, preferencialmente em estabelecimentos comandados por outros negros, incentivando o crescimento de seus camaradas. Os templos pediam doações para financiar programas econômicos de ajuda aos desempregados e aos sem-teto.

Dentro da política a reciprocidade era estimulada também. A “Nação do Islã” pensava ser bom para seus seguidores que alguns se candidatassem a cargos políticos eletivos. Elijah bradava que *“There are many black men and women make splendid politician. They could accomplish considerable good if they – like the white politician and his people – were given proper and equal recognition and justice for themselves and their people.”*⁷¹ Políticos negros representariam realmente a população afro-americana e levariam as questões pertinentes aos guetos até os altos escalões do Estado. Seria mais fácil de pressionar o poder público por transformações. A eleição de um candidato significaria um progresso relevante, porque demonstraria a existência de confiança entre os negros. Acreditar em si e em seus semelhantes era um ponto-chave da doutrina, muitas vezes ressaltado por Elijah como podemos ver no seguinte excerto: *“We trust everyone but ourselves. We, therefore, have to build or produce trust in ourselves in order to do something for self and kind. We cannot depend upon the white man to continue to care for us and build a future of good for us and our children.”*⁷²

O negro precisava ter autoconfiança e decoro, caso contrário, ninguém o respeitaria. Ele não podia esperar por ajuda, devia trabalhar e lutar por seus desejos. A “Nação do Islã” acreditava que a inconveniente circunstância em que a raça original se encontrava nos anos 30 se ligava à preguiça. O branco havia iludido e usado o negro, porém houve uma acomodação

⁷⁰ Op. Cit..

⁷¹ Ibidem. Cap. 77, parágrafo 10. Tradução: “Há muitos homens e mulheres negros que seriam esplêndidos políticos. Eles poderiam realizar consideráveis benesses se a eles – como os políticos brancos e seu povo – fossem dadas apropriados e iguais reconhecimento e justiça para eles mesmos e seu povo.”

⁷² Ibidem. Cap. 84, parágrafo 1. Tradução: “Nós confiamos em todos, menos em nós mesmos. Nós, portanto, temos de construir ou produzir confiança em nós mesmos para que façamos algo por nós e nosso tipo. Nós não podemos depender do homem branco para continuar a nos cuidar e construir um futuro bom para nós e nossas crianças.”

por parte dos descendentes de Alá. Eles haviam aceitado sua baixa posição social e se deixaram levar, sobrevivendo da esmola dada pelos filhos de Adão. Aos seus irmãos, o discípulo de Fard pregava que *“You do not want to leave him [o branco] because of your great desire for his wealth. This classified you as being lazy; a people who do not want to accept their own responsibility.”*⁷³ O negro tinha as ferramentas e os recursos humanos necessários, bastava querer ser independente.

A visão de mundo dos afro-descendentes precisava de um impulso para mudar. Fard havia vindo para realizar esse feito. Ele tinha como missão ressuscitar a mentalidade da tribo de Shabazz nos seus leais seguidores. O apocalipse previsto pela seita culminaria no retorno à ordem mundial primordial. O negro retomaria o seu poder e a sua cultura original.

A “Nação do Islã” conjecturava sobre o dia do julgamento de modo bastante peculiar. Em um determinado dia, uma nave espacial gigante viria a Terra e abduziria todos os negros tementes a Alá, enquanto outras de menor porte bombardeariam os brancos, eliminando-os. Os ataques iniciar-se-iam nos Estados Unidos, país onde o sofrimento atingia altos níveis. Após o extermínio, Elijah⁷⁴ contava que a população negra voltaria para o planeta e o reordenaria. Com o mundo e a sociedade renovados haveria felicidade. A redenção não viria depois da morte, em um plano espiritual, ela ocorreria durante a vida terrena. O paraíso se instauraria na Terra. Uma civilização depurada seria governada pelos retos em uma utopia sem qualquer maleficência.

No fim, a união negra reestruturaria o mundo, fazendo ruir os padrões adotados pela sociedade branca que imperara por tantos anos. O esforço e a solidariedade seriam reconhecidos por deus, e, então, os afro-descendentes não necessitariam mais reivindicar, ou se opor aos homens endemoniados de tez alva.

⁷³ Ibidem. Cap. 84, parágrafo 9. Tradução: “Vocês não querem deixá-lo por causa de seu grande desejo pela riqueza dele. Isso os classifica como seres preguiçosos; um povo que não quer aceitar suas próprias responsabilidades.”

⁷⁴ Op. Cit.

3. ANÁLISE TEÓRICA

A ciência como um todo se recicla de tempos em tempos, os modelos teóricos variam ampliando o assunto em voga e abrindo brechas para novas interpretações. A análise dos movimentos sociais segue esta lei da mesma maneira. Inovações surgidas dentro das relações humanas em todos os seus campos refletem nos paradigmas utilizados pelos pesquisadores, assim como esses novos modelos teóricos influem sobre as ações realizadas por certas parcelas da sociedade.

O aumento de relevância de fatores antes menosprezados pelas ciências humanas proporcionou a oportunidade de colocar sob uma nova ótica os movimentos sociais. O século XX trouxe a lume dimensões associadas à cultura, reduzindo, mas não extinguindo, o papel da economia nas explicações dos processos sociais. A introdução de outros elementos existentes na vida pública nas teorias sociais fez com que o marxismo fosse indagado pelos autores mais jovens que levavam as discussões a outros patamares. O objeto de estudo permaneceu sendo as relações sociais, porém, os caracteres em destaque mudaram. “A questão da emancipação social persiste, mas restrita a alguns teóricos e não mais sob o crivo exclusivo da abordagem marxista.”⁷⁵

Alain Touraine, um pensador rotulado membro da corrente designada “Teorias dos Novos Movimentos Sociais”, atribuiu profunda importância à esfera cultural e à histórica em seus estudos. Ele dedica-se ao estudo dos movimentos sociais, pois, em sua obra “*La voix et le regard*”⁷⁶ considera que a sociedade é a produção conflitante dela mesma. O conflito social não pode ser separado das orientações culturais, dessa forma, não está concatenado só à economia.

Movimento social é um

... tipo muito particular de ação coletiva, aquele tipo pelo qual uma categoria social sempre particular, questiona uma forma de dominação social, simultaneamente particular e geral, invocando contra ela valores e orientações gerais da sociedade, que ela partilha com seu adversário, para privar este de legitimidade [...] o movimento social é muito mais do que um grupo de interesse ou um instrumento de pressão político. Ele questiona o modo de utilização social de recursos e de modelos culturais.⁷⁷

⁷⁵ GOHN, Maria da Glória. Op. Cit. Pág. 44.

⁷⁶ TOURAINE, Alain. *La voix et le regard*. Paris: Edition du Seuil, 1978.

⁷⁷ TOURAINE, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999. Pág. 113.

Além disso, Touraine⁷⁸ acrescenta que a ação coletiva se caracteriza por ser uma conduta socialmente conflituosa e culturalmente orientada, não sendo restrito a uma manifestação de contradições dentro de um sistema de dominação. Ela não é sempre dirigida contra o Estado, visando à conquista do poder; ela se define como uma ação de dada categoria social contra adversários reivindicando mudanças, podendo se converter em uma ação de transformação do poder estatal.

O conceito tourainiano desprende-se da luta de classe entre burguês e proletário. As categorias que praticam os atos não se delimitam apenas a partir de uma identidade de classe econômica pré-atribuída dentro de um sistema de produção, outros fatores podem gerar identificação como, por exemplo: etnia, religião, cultura, sexo, etc.

A “Nação do Islã” se consolidou como um ator coletivo através da religião e da etnia. Os indivíduos se identificavam como pertencentes a algo maior, a uma seita onde todos eram irmãos, descendentes da Tribo de Shabazz. Isso os fortalecia, os retirava de um estado de anomia social. Aqueles homens negros desdenhados pela sociedade e arrasados pela Grande Depressão encontravam nas mesquitas o suporte psicológico e material para enfrentar seus problemas. A doutrina enaltecia o afro-descendente recrudescendo sua autoestima, enquanto que os eventos e programas promovidos levavam aos mais pobres, além de oportunidades, provisões. A união transpunha necessidades político-econômicas, englobava solidariedade e identidade étnico-cultural, duas coisas imensuráveis.

Elijah procurou concretizar uma espécie de nacionalismo negro diz Lincoln. “Nacionalismo” aqui empregado como uma exaltação do orgulho negro, isto é, o

*Black nationalism is more than courage and rebellion; it is a way of life. It is an implicit rejection of the "alien" white culture and an explicit rejection of the symbols of that culture, balanced by an exaggerated and undiluted pride in "black" culture. It involves a drastic reappraisal not only of present realities but also of the past and future. The black nationalist revises history (or corrects it, as he would say) to establish that today's black men are descended from glorious ancestors, from powerful and enlightened rulers and conquerors.*⁷⁹

Ele tentou revigorar seus semelhantes já tão abatidos pelas contingências históricas por via de uma ideologia envolta em pensamentos religiosos. Seu intuito era montar um grupo de pressão por melhorias sociais, políticas e econômicas.

⁷⁸ Op. Cit., 1978.

⁷⁹ LINCOLN, Eric. Op. Cit. Pág. 44. Tradução: “Nacionalismo negro é mais que coragem e rebelião; é um modo de vida. É uma implícita rejeição da cultura branca “alienígena” e uma explícita rejeição dos símbolos daquela cultura, balanceado por um exagerado e não diluído orgulho da cultura “negra”. Isso envolve uma drástica reavaliação, não apenas das realidades presentes, mas também do passado e do futuro. O nacionalismo negro revisa a história (ou a corrige, como ele diria) para estabelecer que o negro de hoje é descendente de gloriosos ancestrais, de poderosos e esclarecidos governantes e conquistadores.”

O adversário sobre o qual se construiu uma ideia de oposição foi o branco cristão. Os filhos de Adão e seus governos corruptos foram responsabilizados pelas más condições de vida negra. Os afro-descendentes almejavam uma política que realmente enfatizasse a liberdade e a igualdade louvadas pelo país. Eles não sustentavam a reestruturação da política, somente pressionavam por mudanças questionando o modelo cultural em voga e a legitimidade da dominação branca. Usavam como argumento uma história mundial revisada. Desejavam o reconhecimento sociocultural, sem nem sequer refutar o “*american way of life*”. Isso transparecia nas palavras de Elijah: “...*assure you that, with the help of Allah, you will accomplish your goals – money, good homes, and friendships in all walks of life.*”⁸⁰ Defendiam a separação para quem a quisesse, contudo cobravam que mais políticos negros fizessem parte da política estadunidense, ou seja, eles não aspiravam ao fim do sistema político-econômico, pelo contrário, chegavam até a se valer dele. Somente em capítulos mais fantasiosos do livro especulava-se uma sociedade composta só por negros vivendo em uma nova estrutura mundial.

Seu revisionismo histórico tinha um tom ofensivo. A acusação de que o homem branco é uma raça demoníaca pode ser encarada como uma prática racista. As palavras de Elijah não delimitavam quais homens ele estava mirando, conseqüentemente, ele acabava por generalizar os brancos como demônios. Observando os ensinamentos doutrinários segundo as ideias de Wiewiorka⁸¹, o credo dos muçulmanos afro-americanos se lastreava sobre um fator inerente ao racismo: a fabricação de representações negativas do outro, desvalorizando, estigmatizando e estereotipando aqueles do exogrupo.

O preconceito servia ao nacionalismo negro. As proposições racistas de Elijah possuíam um objetivo sociocultural de revitalização da identidade negra a partir da oposição à raça que trouxe sofrimento à sua. Yuliani-Sato⁸² assevera que o milenarismo negro exposto na doutrina previa o fim do mundo branco opressivo e o início do milênio dos negros, o que gerava alívio aos sofredores. O líder do movimento apartava sua raça da branca, para incutir uma nova maneira de pensar. Ele tinha como meta cristalizar o orgulho racial e fazer seus seguidores deixarem de querer o branqueamento.

A “Nação do Islã” incitava a diferenciação, usava essa prática como meio para unir os fiéis. Os negros maometanos distinguiam sua raça da branca, almejando manter distância daquele considerado diferente. Este processo de segregação e diferenciação, consoante

⁸⁰ MUHAMMAD, Elijah. Op. Cit. Cap. 77, parágrafo 16. Tradução: “Asseguro a você que, com a ajuda de Alá, você realizará seus objetivos – dinheiro, bons lares, e amizades em todas as camadas da vida.”

⁸¹ Op. Cit.

⁸² Op. Cit.

Wieviorka⁸³, não visa, necessariamente, a exploração, ou a discriminação (inferiorização e exclusão de um dado grupo, relegando-o a alguns nichos sociais), pode simplesmente objetivar uma proibição de acesso, uma separação. Era uma apropriação dos temas raciais pelo grupo dos dominados como uma resposta ao racismo institucional e ao individual dos brancos.

A seita fundada por Fard, embora racista, era pacífica, não empreendeu atos revolucionários. Ela protestava contra a postura do governo em aceitar as condições miseráveis em que os negros se encontravam. Almejava a outras metas aquém de uma revolução, queria uma vida digna para uma parcela da população oprimida por tantos anos, o que a aproximava da teoria de Touraine⁸⁴. O autor aventava que um movimento social busca uma alternativa à situação, não reformular a sociedade completamente por meio de uma revolução. A ação coletiva tourainiana dista dos padrões evolucionistas, porque sua lógica está desatrelada de um progresso constante, ela liga-se a contestações e alternativas, todavia o responsável pela concretização das alterações é o Estado.

O movimento social é visto como uma vontade coletiva por Touraine⁸⁵. Ele constitui um ator histórico cuja meta não é da conquista do poder, mas fazer o Estado implementar as modificações reivindicadas por ele. Sua visão transmite a ideia de que o movimento social em si não é um agente de mudança histórica. Ao Estado o autor confere esse *status* de sujeito histórico, pois ele que detém a habilidade de concretizar as transformações, sua intervenção causa alterações. Destarte, o movimento social é encarado como uma força central no interior da sociedade encarregado de exigir que o Estado aja.

Elijah e seu séquito questionavam a sociedade civil e o aparato estatal em seus comícios públicos e palestras. Encolerizavam-se ao serem postos sob vigia da polícia acusados de antiamericanos. Em seu livro, Elijah discursava em resposta às acusações:

*“USED FOR CRIMINAL PURPOSE: what or why are we called un-American? It is to classify us as criminals or with crimes that we are not guilty of. They make the truth God has given to us an untruth; they use it to conceal our true intentions. But at the same time, they claim freedom of speech, freedom of the press and religious freedom, lawful under the constitution.”*⁸⁶

⁸³ Op. Cit.

⁸⁴ Op. Cit. 1978.

⁸⁵ Op. Cit. 1978.

⁸⁶ MUHAMMAD, Elijah. Op. Cit. Cap. 80. Parágrafo 62. Tradução: “USADAS PARA PROPÓSITOS CRIMINAIS: o que, ou por que nós somos chamados não-americanos? É para nos classificar como criminosos por crimes por quais não somos culpados. Eles fazem o verdadeiro Deus dado a nós um falso; eles usam isso para ocultar nossas verdadeiras intenções. Todavia, ao mesmo tempo, eles alegam liberdade de expressão, liberdade de imprensa e liberdade religiosa, legalizadas pela constituição.”

O questionamento sociopolítico construído pelo movimento foca-se na sociedade civil. É no interior desta que ocorre a formação das identidades e que os homens refletem sobre suas condições, logo, “Os movimentos sociais nasceriam na sociedade civil e, portadores de uma nova “imagem da sociedade”, tentariam mudar suas orientações valorativas.”⁸⁷ A religião professada pela “Nação do Islã” atuaria tal qual um chamamento moral para fazer os afro-descendentes obstem às orientações da sociedade civil, entrando em conflito com outro ator social. No interior da doutrina apresentada em seu livro, Elijah publicou explicitamente seu projeto, conceituado por Touraine⁸⁸ como as possibilidades do ator coletivo/singular de dar sentido às suas condutas de maneira autônoma.

O conflito é intrínseco ao movimento social, porque, em seu âmago, ele é um tipo particular de luta. Para o autor⁸⁹, uma luta se configura em um movimento social quando segue determinados princípios básicos. Ela deve ser travada em nome de uma dada população, opondo-se a um grupo social por causa de motivos subjetivos e objetivos. A luta precisa existir organizadamente; não pode se restringir ao campo das ideias. As razões têm de extrapolar rusgas específicas, necessitam ser um problema relacionado ao conjunto da sociedade.

A luta dos afro-americanos islâmicos se dava de forma organizada, respeitando às hierarquias e regras da seita, contra os brancos por motivos subjetivos (povo bendito quer o retorno de sua antiga glória) e objetivos (melhorias das condições de vida em todos os sentidos). Suas razões ultrapassavam as querelas locais, pois a degradação negra se estendia por todo o território estadunidense.

A “Nação do Islã” pode ser associada a dois tipos de movimentos descritos por Touraine⁹⁰. Sua postura pode rotulá-la um movimento societal, em outros termos, uma manifestação coletiva que bota em dúvida as orientações gerais da sociedade. Também, pode ser vista como um movimento cultural, cujo objetivo seria a afirmação de um grupo diante da imagem pessimista do mundo.

Não obstante os elementos que fazem da “Nação do Islã” um movimento social, ela também é uma religião. Apresenta os fatores necessários para ser classificada como tal. Há a veneração de um deus, Alá, por corolário, pode ser considerada uma religião teísta. Há mitos relacionados à origem do homem seguindo o paradigma de inúmeras outras doutrinas religiosas. A “Nação do Islã” demanda a adoção de um determinado comportamento, o

⁸⁷ TOURAINE apud ALONSO. Op. Cit. Pág. 61.

⁸⁸ TOURAINE apud GOHN. Op. Cit.

⁸⁹ TOURAINE, Alain. Op. Cit., 1978.

⁹⁰ Idem, 1999.

compromisso com certos valores morais. Ela pode ser pensada dentro das ideias de Feuerbach⁹¹, visto que, não deixa de ser um sonho da mente humana, onde o homem busca a autoconsciência através de uma deidade que representa as virtudes puras. Um deus que não passa da idealização do próprio homem, um ser capaz de criar e de transmitir bons sentimentos.

Os negros procuravam reencontrar as virtudes de sua cultura denegrada pelo racismo e pela escravidão. A doutrina da “Nação do Islã” concedia benefícios espirituais, confortava fortificando as faculdades psicológicas de uma população marginalizada. A cultura afro-americana abençoada por Alá era fonte de vigor e a base para a construção de uma identidade coletiva capaz de unir um bando em prol de rupturas com as estruturas predatórias.

⁹¹ FEUERBACH, Ludwig. **A essência do Cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo feito sobre essa religião denominada de “Nação do Islã” poderia ser vinculado a outros movimentos compostos por negros surgidos nos Estados Unidos da América ao longo do século XX. A “Associação Universal para o Progresso Negro” comandada por Marcus Garvey; o “Templo Mouro da Ciência da América” encetada por Noble Drew Ali; entre outros, se assemelhavam ao culto fundado por Wallace D. Fard. Todos eram movimentos sociais reivindicatórios com um pano de fundo religioso que auxiliava na construção de uma identidade coletiva, fortificando os laços entre os indivíduos e os impulsionando a mudar suas vidas. Esses movimentos queriam modificar a situação precária dos afro-descendentes por via da recuperação da autoestima negra, da solidariedade racial e de discursos de protesto contra a estrutura sociopolítica vigente. Entretanto, me prendi a “Nação do Islã”, porque seus livros são de mais fácil acesso, embora sejam todos em língua inglesa.

A seita liderada por Elijah Muhammad aspirava a objetivos materiais veementemente concedendo pouca relevância a algum tipo de redenção espiritual religiosa, embora cobrasse de seus seguidores que fossem tementes a Alá. Ela desejava valores hipocritamente defendidos pela sociedade branca estadunidense como a liberdade e a igualdade. A independência apregoada consistia em possibilitar ao indivíduo afro-americano a subsistência desligada de homens que os explorasse, fosse ela alcançada dentro ou fora das fronteiras de seu país.

A “Nação do Islã”, então, congregou valores relacionados aos movimentos sociais e às religiões. O nome da seita deixa explícito esse duplo caráter. Elijah liderava uma “Nação”, conceito complexo, mas nesse caso simplificado como um grupo dotado de uma identidade construída a partir de uma oposição, capaz de gerar uma tremenda coesão interna. Esse grupo pressionava o sistema, pedindo melhorias de condições de vida para a parcela da sociedade que compunha suas linhas. Adotava comportamento diferente do resto da população para se opor à organização social que não lhe apetecia. Atuava de forma ativa pelas mudanças através de seus atos beneficentes e seus comícios públicos.

O termo “Islã” remete ao espaço que a religião tinha no interior desta agremiação em prol do negro. A união e a participação dependiam do embasamento islâmico utilizado para montar a doutrina. Um grupo permanece junto se algo liga seus membros, criando intimidade entre eles e os fazendo se identificarem entre si como semelhantes. O Muçulmanismo

heterodoxo criado por Fard tornava os negros uma grande família, uma tribo descendente do todo-poderoso Alá. A antropogênese contada nos ensinamentos do *Mahdi* estabelecia, ao mesmo tempo, a identidade negra apartada da branca e restaurava o orgulho racial, preparando o séquito mentalmente para protestar. A explicação divina do porquê de praticar ações benemerentes era fundamental para estimular a participação em uma comunhão solidária.

Elijah e seu mestre de existência duvidosa, Fard, souberam moldar uma doutrina eficaz para erguer a comunidade negra atirada nos guetos estadunidenses próximos às mesquitas. Eles deram início a um movimento de valorização do cidadão afro-americano que dura até hoje, conduzido pelo sucessor de Elijah, Louis Farrakhan.

A pesquisa realizada sobre esta religião, cujo único problema era combater o racismo com ele próprio, visava a analisar como o pensamento religioso pode vir a servir de base para um movimento social, para um ator social que reivindica mudanças estruturais. Conquanto a brevidade do trabalho, sua meta foi lograda.

FONTE PRIMÁRIA

A fonte primária utilizada como respaldo para o trabalho foi um dos livros religiosos da “Nação do Islã”. Nele, estão contidos os aspectos sacros da “Nação do Islã”, falando sobre a Bíblia, o Corão, Alá, a antropogonia, padrões éticos, etc. Pormenoriza como os fiéis devem rezar e contribuir com a comunidade negra. Ele é uma base doutrinal elementar dessa religião.

MUHAMMAD, Elijah. *Message to the blackman in America*. Versão digital, 1965. Disponível em: <http://www.archive.org/details/MessageToTheBlackmanInAmerica> Último acesso em: 16/10/11.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e artigos

ALEXANDER, Jeffrey C.. “Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil: Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais.” IN: **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo: v. 13, n. 37, junho de 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200001&lng=pt&nrm=iso último acesso em 16/10/11.

ALONSO, Angela. “As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate” IN: **Lua nova**, São Paulo: n. 76, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf> último acesso em: 16/10/11

BLACK, Edwin. *War against the weak: eugenics and America's campaign to create a master race*. New York: Four Walls Eight Windows, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Ku Klux Klan. A seita da supremacia branca.” IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime (org.). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004.

CLARK, Kenneth B. *Dark Ghetto. Dilemmas of social power*. New York: Harper Torchbooks, 1967.

DEMANT, Peter. “Minorias. Direitos para os excluídos.” IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2010.

EVANZZ, Karl. *The messenger: the rise and fall of Elijah Muhammad*. Westminster: Pantheon books, 1999.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do Cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GAGLIETTI, Mauro. “O que nos faz humanos: quando a raça e a etnicidade criam um mal-estar paradigmático.” IN: SILVA, Mozart Linhares da (org.). **Ciência, raça e racismo na modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GROSSMAN, James. “Great Migration” IN: **The Electronic Encyclopedia of Chicago**. Disponível em: <http://encyclopedia.chicagohistory.org/pages/545.html> Último acesso em: 16/10/11.

HOBBSAWM, Eric. J. “Etnia e nacionalismo na Europa de hoje” IN: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

JACKSON, Kenneth T.; “Ku Klux Klan” IN: **The Electronic Encyclopedia of Chicago**. Disponível em : <http://encyclopedia.chicagohistory.org/pages/696.html> Último acesso em: 16/10/11.

KARNAL, Leandro. “Revolução Americana. Estados Unidos, liberdade e cidadania.” IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____ et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

LINCOLN, Eric. *The black muslims in America*. Boston: Beacon Press, 1961.

MANNING, Christopher. “African Americans” IN: **The Electronic Encyclopedia of Chicago**. Disponível em: <http://encyclopedia.chicagohistory.org/pages/27.html> último acesso em: 16/10/11.

MARTIN, Elizabeth Anne. “Detroit and the Great Migration 1916-1929.” IN: **Bentley Historical Library – Bulletin Series**. Michigan: Bulletin n. 40, 1993. Disponível em: <http://bentley.umich.edu/research/publications/migration/ch1.php> Último acesso em: 16/10/11.

MAZZUCHELLI, Frederico. “A crise em perspectiva: 1929 e 2008.” IN: **Novos estudos**. CEBRAP, n. 82, novembro de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n82/03.pdf> Último acesso em: 16/10/11.

MELUCCI, Alberto. “Um objetivo para os movimentos sociais?”. IN: **Lua Nova**, São Paulo: n.17, junho de 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000200004&lng=en&nrm=iso Último acesso em 16/10/11.

MUHAMMAD, Wesley. “Master W. Fard Muhammad and FBI COINTELPRO” IN: **The Final Call**. Jan. 2010. Disponível em: http://www.finalcall.com/artman/publish/Perspectives_1/article_6699.shtml Último acesso em: 16/10/11.

POLIAKOV, Léon. **O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1974.

ROSE, Arnold. **Negro: o dilema americano**. São Paulo: IBRASA, 1968.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

SILVA, Mozart Linhares da. “Ciência, raça e racismo: caminhos da eugenia.” IN: SILVA, Mozart Linhares da (org.). **Ciência, raça e racismo na modernidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *La voix et le regard*. Paris: Edition du Seuil, 1978.

TURNER, Frederick Jackson. “O significado da fronteira na história americana” IN: KNAUSS, Paulo (org.). **Oeste americano. Quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner**. Niterói: UFF, 2004.

WEST, Cornel. **Questão de Raça**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

X, Malcolm. **Le pouvoir noir**. Paris: François Maspero, 1968.

YULIANI-SATO, Dwi Hesti. *A comparative study of the Nation of Islam and the Islam*. Bowling Green: BGSU, 2007. Dissertação de mestrado em artes, Bowling Green State University, Bowlin Green, Ohio, 2007. Disponível em: <http://etd.ohiolink.edu/view.cgi/YulianiSato%20Dwi.pdf?bgsu1162806528> Último acesso em: 16/10/11.

Filmes e documentários

LEE, Spike. **Malcolm X**. [filme]. Direção de Spike Lee. EUA: 1992, 1 DVD, 202 min.

TICKELL, Paul. *Racism: a history*. [documentário] Direção de Paul Tickell. Inglaterra: BBC, 2007, 3 DVD, 3 episódios de 59 min cada.

Sítios eletrônicos

Sítio do FBI com a ficha criminal do suposto Wallace D. Fard: <http://vault.fbi.gov/Wallace%20Fard%20Muhammed> Último acesso em 16/10/11.

Sítio oficial da “Nação do Islã”: <http://www.noi.org> Último acesso em 16/10/11.

Sítio do jornal da “Nação do Islã”: <http://www.finalcall.com> Último acesso em 16/10/11.

ANEXO

Reportagem de um periódico associado à “Nação do Islã” questionando as fotos apresentadas pelo FBI de um suposto homem suspeito de ser Wallace D. Fard.

Retirada do sítio eletrônico:

http://www.finalcall.com/artman/publish/Perspectives_1/article_6699.shtml Último acesso em: 16/10/11.

Muhammad Speaks

Nation Of Islam Offers Hearst \$100,000 To Prove Charge

Beware of Phony Claims

The Phony **The Truth**

The only man in the world who has been charged with the murder of Dr. Martin Luther King Jr. is the man in the picture on the left. He is the man who is being accused of the murder of Dr. King. The man in the picture on the right is the man who is being accused of the murder of Dr. King. The man in the picture on the left is the man who is being accused of the murder of Dr. King. The man in the picture on the right is the man who is being accused of the murder of Dr. King.